



Sou atleta, sou mulher: a representação da seleção brasileira de futebol feminino na cobertura dos Jogos Olímpicos em Londres (2012)¹

Carolina Bortoleto Firmino²;

Mauro de Souza Ventura³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Resumo

O universo esportivo ainda é um território em que a mulher encontra dificuldades para se inserir. Normalmente, ela tem sua imagem associada a elementos sexuais ou a acontecimentos isolados – como uma grande vitória ou derrota – e raramente é representada considerando toda sua trajetória como atleta e a técnica desenvolvida. Os temas que relacionam mulher e esporte passaram a ganhar mais destaque com questões levantadas pela pesquisa de gênero a partir dos Estudos Culturais, o que proporcionou a busca por essa nova visão da mulher na sociedade. O presente artigo tem por objetivo pesquisar na cobertura das Olimpíadas de Londres 2012 (nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo) elementos que comprovem essa hipótese com a análise de notícias sobre a estreia e a eliminação da seleção brasileira de futebol feminino na competição.

Palavras-chave: Comunicação e Esporte; Gênero; Estudos culturais; Mulher; Olimpíadas.

Olimpíadas: origens, transformação e luta feminina

A data que marca a origem de um festival esportivo nos moldes das Olimpíadas é a de, aproximadamente, 2500 a.C, na Grécia Antiga. Mas o termo “olímpico” ganhou significado apenas quase dois mil anos depois, após um acordo selado em Hera, no santuário de Olímpia. O tratado estabelecia que, durante os Jogos Olímpicos, uma

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) e mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação pela mesma instituição, sob a orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura

³ Mestre em Jornalismo e Editoração pela ECA-USP e Doutor em Teoria Literária pela FFLCH – USP. É professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista – UNESP.



trégua sagrada deveria ser respeitada em toda a Grécia, fazendo com que os soldados abandonassem as guerras e competissem lado a lado no evento. Nesse contexto, as mulheres eram excluídas e participavam apenas da Heraea, uma competição em homenagem a Hera, a mulher de Zeus. No entanto, a decadência das Olimpíadas se deu com a invasão dos romanos na Grécia, quando as competições ganharam outro sentido, passando a ser encaradas como combate.

A celebração dos jogos ficou adormecida por 1500 anos e voltou a acontecer apenas na Era Moderna, em 1896. Neste momento, começaram a surgir as primeiras noções do termo esporte moderno (e contemporâneo), integrado à vida cotidiana e presente no dia a dia da sociedade – ou seja, o esporte se fez presente na televisão, nos jornais, no rádio e na mídia em geral, passou a ser objeto de consumo, consolidando a ideia de esporte-espetáculo. Nesta concepção, os Jogos Olímpicos surgem como um evento que coloca identidades culturais e sociais em um só lugar, reproduzindo diferentes valores.

No entanto, ainda que o esporte social permita unir nações e culturas distintas, a mulher sempre precisou lutar para se inserir e ver o seu desempenho e qualidade esportivos tão valorizados quanto os do homem. É importante ressaltar que nos Jogos Olímpicos Modernos o primeiro registro de participação feminina é de 1900, sendo que só nas Olimpíadas de Atenas (2004) o número de atletas mulheres chegou a 40,7%. (IOC – Jogos da XXVIII Olimpíada em Atenas, 2004: 10.864 atletas: 4.306 mulheres e 6.452 homens; Jogos da XXIX Olimpíada em Pequim, 2008: 10.942 atletas/ 4.637 mulheres e 6.305 homens). Apesar de a presença feminina nos jogos ter aumentado efetivamente desde a sua primeira participação, as mulheres ainda são representadas em função de sua imagem física e sensual, com o corpo muito mais valorizado que a sua performance⁴ atlética ou sua técnica na modalidade.

Este artigo, portanto, tem como objetivo identificar de que maneira a mídia constrói este retrato e comprovar ou não a presença de estereótipos na representação da mulher em momentos de maior destaque – estreia e eliminação - da seleção brasileira de futebol feminino na cobertura das Olimpíadas de Londres (2012) em dois jornais: O Estado de S. Paulo e a Folha de S. Paulo. O evento foi escolhido por ser importante na

⁴ Utilizaremos a palavra “performance” com base nas definições de Hans Ulrich Gumbrecht no livro “Elogio da Beleza Atlética”, em que o termo é relacionado a qualquer movimento do corpo humano quando enxergado da dimensão da “presença”. De acordo com Gumbrecht (p.56), essa definição significa que “encarar os movimentos do atleta como transformação de seu mundo – isto é, nos perguntar qual deve ser a intenção do jogador enquanto ele lança ou chuta a bola – não é o que costumamos fazer quando nos tornamos espectadores do esporte”.



consolidação da mulher no ambiente esportivo, já que, pela primeira vez, elas puderam competir em todas as modalidades – com a introdução do boxe feminino – ainda que o índice de esportistas na disputa por medalhas não tenha chegado a 50% como era esperado pelo Comitê Olímpico.

Na tentativa de encontrar respostas para as questões propostas, utilizaremos como objeto de análise as notícias referentes à atuação da seleção brasileira de futebol feminino presentes nos cadernos especiais das Olimpíadas dos jornais O Estado de S. Paulo (Estadão) e Folha de S. Paulo, e publicados diariamente ao longo dos Jogos Olímpicos de Londres (2012). No corpus escolhido para análise, foi somado um total de quatro textos – em 25 de julho de 2012 e 4 de agosto de 2012 – nos dois jornais, tendo em vista que a seleção feminina teve grande destaque nas datas, em decorrência de sua estreia e precoce eliminação nos Jogos.

O Estado de S. Paulo é o mais antigo jornal diário da cidade de São Paulo que continua em circulação. Sua tiragem inicial era de 2000 exemplares – em 1875, com a sua criação, chegando a aproximadamente 340 mil exemplares quase 100 anos depois. Já a Folha de S. Paulo surgiu em 1960 com a fusão de três títulos da empresa: "Folha da Manhã", "Folha da Tarde" e "Folha da Noite". Reconhecido por ser pioneiro na impressão offset em cores, usada em larga tiragem no Brasil e na instalação de um serviço on-line de grande circulação no país (Universo Online que, mais tarde, ao fundir-se com o Brasil Online, do Grupo Abril, deu lugar ao Universo Online S.A). Nos dois jornais, os cadernos especiais da Olimpíada fizeram a cobertura completa do evento, noticiando toda a trajetória dos atletas nacionais e internacionais nos Jogos Olímpicos.

Hipóteses sobre a representação da mulher-atleta

O universo do esporte é caracterizado como predominantemente masculino desde a sua origem e, em pleno século XXI, a socióloga Judith Lorber (1995) aponta que a prática esportiva ainda reproduz a noção de “corpos masculinos fortes” e “corpos femininos sexualizados” quando se trata do assunto. Neste caso, o corpo magro e definido da mulher continua a ser visto como sinônimo de saúde e beleza, enquanto sua disposição para a atividade esportiva surge limitada com a ideia de que certas modalidades podem comprometer a feminilidade do corpo, resultando em agressividade e músculos em excesso.



O cenário atual, portanto, não é diferente da realidade observada durante toda a luta da mulher por um espaço no esporte de competição. No início, conforme a sua participação esportiva ganhava visibilidade, crescia a preocupação social com o desenvolvimento do corpo e a sua “masculinização” – sugerindo não só uma mudança física, mas comportamental da mulher, em que sua feminilidade é julgada por características externas. Observa-se, então, que a transformação do corpo feminino e a atuação como atleta têm o físico e o comportamento do homem como modelo. Diante disso, quando se trata de representar a mulher nos meios de comunicação, são seguidas as mesmas tendências machistas da sociedade em que estamos inseridos. O resultado é que os preconceitos construídos ao longo da história e as regras morais de conduta impostas ao indivíduo são refletidos no esporte, levando em conta as relações de gênero de cada grupo – em Fábio Fanzini (2005), quanto mais machista é esse grupo, com mais ênfase ele reproduz suas leis. Dessa forma, é comum encontrar reflexões que critiquem a participação feminina no esporte, principalmente no futebol, modalidade caracterizada como predominantemente masculina:

Não negamos à mulher os mesmos direitos concedidos ao homem, porém não compreendemos que a mulher interprete essa igualdade procurando imitá-lo física, moral e intelectualmente, testemunhando dessa maneira uma superioridade inexistente. Sim, porque só almejamos igualar o que nos supera. Quanto às qualidades morais que todos os esportes coletivos desenvolvem, achamos ser o futebol, pela sua natural violência, um exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com o temperamento e o caráter feminino. Quanto ao desenvolvimento intelectual, facilmente concordaremos que o futebol não é dos mais eficientes. Portanto não sendo aconselhado por motivos higiênicos, físicos ou morais, não será pelo seu reduzidíssimo valor intelectual que a mulher o vá praticar. Assim, pelas razões acima expedidas, que envolvem matéria de ordem técnica é nossa opinião ser o futebol, para a mulher, anti-higiênico e contrário à natural inclinação da alma feminina. (BALLARYNI, 1940 apud GOELLNER, 2005, p.6)

Neste contexto, os meios de comunicação criam alternativas para inserir a mulher no esporte e acabam utilizando linguagens, referências e atribuindo determinados significados que naturalizam certas representações e consolidam estereótipos ampliados para toda a sociedade, ainda que cada informação chegue ao seu receptor levando em conta sua bagagem cultural e, por isso, seja absorvida de maneiras diferentes. Então, a parcela feminina atuante no cenário esportivo é submetida a uma visão pré-moldada pela imprensa no geral:

Evidências sugerem que, por causa da relação íntima entre esporte e masculinidade, os preconceitos face às “mulheres-atletas” cruzam as fronteiras



das mais variadas formas de discriminação. O pensamento social desenvolveu, através dos séculos, inúmeros preconceitos e falsas consciências que limitaram a participação feminina em práticas sócio-esportivas e competitivas que dizem respeito aos homens – por essa razão, o estereótipo de “mulher-natural” se dissociar de “mulher-atleta”, representando um produto de papéis conflitantes com os próprios valores de desigualdade social entre aquele que “domina” (homem) e o que é “dominado” (mulher). O axioma social de que o masculino é forte, vigoroso e superior, e que o feminino é dócil, frágil e submisso, faz com que a mulher seja “dependente do homem” – cria e mantém modelos sociais que fortalecem o papel da masculinidade e que simultaneamente desvalorizam o papel e os valores do feminino. (KNIJINIK, SIMÕES E MACEDO, 2005)

É possível identificar, portanto, que existe uma tentativa de firmar o conceito de “mulher-atleta” masculinizada e forte, cujo desempenho se assemelha ao do homem, assim como o da valorização da beleza estética e das curvas que atribuem a ela um caráter sensual, como se estar enquadrada em um perfil excluísse a possibilidade de possuir qualquer característica do outro. Isso contribui para o surgimento de extremos que “coisificam” a mulher e a transformam em um produto de sua própria condição física, realidade em que, muitas vezes, a atleta bonita e atraente acaba ganhando mais visibilidade que a detentora da melhor qualidade técnica.

Além desses, outros estereótipos são identificados na relação “público e esporte”, principalmente no futebol: a mulher torcedora, que não joga porque a prática é masculina; a “maria-chuteira”, que não sabe nada sobre a modalidade, mas se identifica com algum jogador; a que não faz nenhum dos dois, mas compete pela atenção do parceiro que acompanha todas as partidas; ou a atleta, lembrada por determinado acontecimento polêmico que não possui relação a sua técnica como competidora.

Ao se deparar com essas e outras abordagens negativas sobre a imagem da mulher, percebe-se que ela surge acompanhada de preconceitos e exageros, diferentemente do que acontece com o homem, muitas vezes tido como herói ou mito. Portanto, acreditamos que, mesmo com a consolidação da atleta do gênero feminino no cenário olímpico mundial, a mídia continua a se basear em estereótipos para representá-la. Com a análise do conteúdo referente à cobertura das Olimpíadas de Londres (2012), será possível, então, comprovar ou não esta hipótese e contribuir para o entendimento a respeito da imagem da mulher-atleta no cenário esportivo e cultural da atualidade.

Gênero, esporte e Estudos Culturais



No Brasil e no mundo, apesar de um crescimento expressivo da mulher no esporte, seja numa tentativa de se firmar como audiência ou até inserido efetivamente no meio, o público feminino ainda não consegue ultrapassar questões que permeiam esse universo ou conquistar um espaço sem que precise enfrentar preconceitos:

Não há dúvidas de que o esporte moderno tem evoluído significativamente nos últimos tempos. Se existe um fenômeno que assoma com singular clareza quase todos os tipos de sociedade ele não é outro senão o esporte-espetáculo. Um fenômeno cuja dimensão social se mescla com os valores sociais, culturais, morais, ideológicos, econômicos e políticos. Em sua plenitude, é um modelo de realidade social, ainda, de domínio masculino. Essas convicções explicariam e justificariam a “superioridade natural” dos homens nas relações com a diversidade social e cultural do esporte moderno. Aqui devemos perguntar se a “superioridade masculina” sobre a “inferioridade feminina” não refletiria diferenças numa direção que teria sido apontada e desenvolvida culturalmente para legitimar aos arranjos sociais e sexuais dentro dos vários sistemas de sociedade. (SIMÕES, 2003, p1)

É certo que a luta feminina para derrubar as barreiras criadas pela própria sociedade vai além das dificuldades encontradas para se inserir no mercado de trabalho de maneira geral. Principalmente no esporte de competição, a participação da mulher nesse surge carregada de apelos:

Tradicionalmente, a participação em jogos, competições e desafios é um traço característico do papel de gênero masculino nas mais diversas culturas. Desde grupos tribais ao redor do mundo, em grupos rurais e em nossa sociedade urbana moderna, boa parte dos significados articulados ao ‘ser homem’ se relaciona com aceitar os desafios propostos por outros homens. (GASTALDO, 2005, p.2)

Assim como jogar futebol é representado como algo restrito ao público masculino, torcer também carrega o mesmo status. No Brasil, o número de torcedoras que acompanham seus times – seja no futebol ou outra modalidade – é cada vez maior, o que se comprova com uma participação expressiva de mulheres em torcidas organizadas. Assim, surge no século XXI outro estereótipo: o conceito de musa do time. A imagem da mulher é explorada como símbolo sexual e ignoram-se os aspectos importantes na construção do retrato de um torcedor, como o conhecimento técnico a respeito da modalidade esportiva que acompanha.

Dessa forma, a mídia se preocupa em eleger no meio esportivo uma profissional que se destaque – seja pela proximidade com a forma atlética masculina ou sensualidade destaca em seu corpo. Por isso, acompanhar e entender o papel que a mulher exerce



hoje no esporte requer uma visão ampla sobre a maneira como a imprensa constrói esse retrato, que surge idealizado em meio a preconceitos e pensamentos condicionados ao senso-comum. Nesse contexto, surge a necessidade de investigar e entender como se dá esse processo de representação da mulher-atleta, que vive do esporte de competição e se depara com uma sociedade que lhe impõe um papel masculinizado – pois futebol é “coisa pra homem” e por isso exige força e desempenho semelhante ao masculino – mas a faz refém da sensualidade e de um perfil diferenciado para atrair o público utilizando o próprio corpo.

As teorias que buscam respostas para essa e outras reflexões estão inseridas nas diretrizes dos Estudos Culturais, que se constituem em entender as relações entre cultura contemporânea e sociedade, ou seja, as práticas culturais num todo. A vertente surgiu no fim dos anos 50 e, mais tarde, vinculou-se à universidade inglesa de Birmingham. No geral, outros acadêmicos já haviam se voltado para questões culturais, mas o eixo central desses estudos se distanciava das características formais e ortodoxas de entendê-las. Com eles, possibilita-se observar a sociedade de uma forma diferente e considerar a existência humana com suas práticas como um todo, além de compreender qualquer tipo de fenômeno cultural – como o esporte moderno e a luta feminina para ser reconhecida – e manter-se aberto às interdisciplinaridades:

Podemos qualificar, portanto, a emergência dos *Cultural Studies* como a de um paradigma, de um questionamento teórico coerente. Trata-se de considerar a cultura em sentido mais amplo, antropológico, de passar de uma reflexão centrada sobre o vínculo cultura-nação para uma abordagem da cultura dos grupos sociais. Mesmo que ela permaneça fixada sobre uma dimensão política, a questão central é compreender em que a cultura de um grupo, e inicialmente a das classes populares, funciona como contestação da ordem social ou, contrariamente, como modo de adesão às relações de poder (MATTELART, 2004, p. 13-14).

No momento em que os Estudos Culturais passam a ganhar espaço, a problemática de grupos marginalizados, questões de gênero e a desmistificação de estereótipos presentes nas massas também se fazem notar nessa nova forma de enxergar a cultura – em uma perspectiva diferenciada e menos sociológica de investigar essas relações. Por isso, as pesquisas de gênero – considerando o foco deste artigo que é a investigação sobre a representação feminina no esporte – se tornam cada vez mais necessárias nessa construção de novas bases teóricas para esse tipo de estudo, a fim de reformular visões e produzir conhecimento diversificado.



Metodologia e análise das notícias

Para investigar de que maneira a imagem da mulher no esporte é representada e buscar os estereótipos atribuídos a ela, utilizaremos como método a análise de conteúdo. Ele ajudará a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum, conforme MORAES (1999). Na técnica de análise proposta inicialmente por Bardin, o pesquisador está em busca do texto por trás do texto, ou seja, algo que não é possível enxergar sem uma observação mais completa tudo o que pode ser interpretado:

Mensagens obscuras que exigem uma interpretação, mensagens com um duplo sentido cuja significação profunda só pode surgir depois de uma observação cuidadosa ou de uma intuição carismática. Por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido que convém desvendar. (BARDIN, 1977, p.16)

No entanto, tal leitura só pode ser feita se cumprida as etapas de seu processo de análise, que são: preparação das informações, transformação do conteúdo em unidades, classificação das unidades em categorias, descrição e interpretação:

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 1977)

Por meio desses procedimentos e da busca de conceitos, símbolos, imagens, ironias, entre outros, o pesquisador consegue observar e apreender as ideologias presentes no discurso jornalístico. Na pré-análise, selecionamos quais seriam as notícias a serem estudadas levando em conta a relação do futebol feminino com a hipótese levantada anteriormente. Já na exploração do material escolhido, decidimos quais seriam as categorias de observação do corpus, que se resumiram em: a) escolha de palavras para título e linha fina; b) linguagem (expressões, substantivos, adjetivos etc) utilizada ao longo do texto para abordar vitória, derrota e personagens presentes na notícia; e c) destaque dado à notícia na página, fotografia e legenda. Na terceira e última etapa deu-se a análise dos resultados a fim de comprovar ou refutar as observações preliminares.



Ao final desses passos, buscamos compreender como se deu a representação da mulher em dois momentos distintos – primeira vitória e eliminação nas Olimpíadas – e se foram atribuídas ou não tais características estereotipadas a sua imagem, além da desvalorização de sua técnica ou exacerbação de fatores externos à dinâmica do jogo em questão. Como dito anteriormente, utilizaremos como objeto de análise as notícias referentes à estreia e à eliminação da seleção brasileira de futebol feminino veiculadas pelos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo no primeiro e último dia das Olimpíadas de Londres (2012). As datas foram escolhidas levando em conta a relevância das duas ocasiões.

	O Estado de S. Paulo	Folha de S. Paulo
25/07	Notícia 1: Após duas pratas, Brasil recomeça corrida ao ouro (E3)	Notícia 2: Nova direção aproxima CBF do time feminino (D6)
04/08	Notícia 3: Adeus melancólico contra o Japão (E8)	Notícia 4: Equipe de Marta cai e faz sua pior campanha (D10)

Notícia 1

a) Escolha de palavras para título e linha fina

Título: Após duas pratas, Brasil recomeça corrida ao ouro

Linha fina: Lideradas por Marta e obceçadas pela medalha, seleção estreia hoje contra Camarões, às 14h45, no País de Gales

O título apresenta um breve retrospecto da seleção nas Olimpíadas, apontando para o fato de o time ter ficado com a prata nas duas últimas competições e ainda desejar o ouro. Já na linha fina, o jornal refere-se à capitã do time e enfatiza a busca pela medalha com a palavra “obceçada”, que ganhará sentido com a leitura da notícia.

b) Linguagem

Expressões utilizadas para se referir à:

- Seleção brasileira de futebol feminino:** ferida/ perda/ confiantes/ entusiasmadas/ motivação/ frustração/ grande zebra/ grande favorita/ encantaram na competição/ time renovado;
- Retrospecto de derrotas:** ferida da perda do ouro/ decepções/ lições doloridas de aprendizado/ desperdiçada/ dor de ter chegado tão perto/ frustração/ decepcionante Mundial;
- Expectativa de estreia:** perto de um ouro/ lembrança ainda amarga/ prata doída/ prata comemorada;



4. Personagens da notícia: Marta (destaque brasileiro/ melhor jogadora do mundo/ destronada do posto/ enfim campeã); Bagé (zagueira e capitã da equipe); Cristiane (atacante);

c) Destaque da notícia na página, fotografia e legenda

A notícia foi veiculada na terceira página do caderno e ocupou uma área nobre da folha, localizando-se ao centro. A fotografia utilizada foi da atleta destaque do time brasileiro, Marta, que está posicionada como se estivesse dando a largada em uma corrida, relacionando imagem e título. A legenda da foto – Disputa. Brasil, de Marta, chega sem a aura de favorito – no entanto, destoa do conjunto.

Apontamentos: o título se mostra propositadamente objetivo, ao contrário da linha fina que, ao se referir às atletas como “obcecadas”, garante um tom pejorativo à dedicação do grupo e a sua busca por medalhas. Da mesma maneira que, ao longo do texto, os termos utilizados para tratar da seleção brasileira estão bem divididos, e não parecem prejudicar a imagem do time, apesar de não considerar a prata como um grande feito, mas apenas como a consequência da perda do ouro. Ainda assim, ao se referir à jogadora Marta e às vitórias e derrotas do grupo ao lado dela, a maneira como são caracterizados esses três elementos indicam uma diminuição da imagem de Marta (apesar da tamanha responsabilidade atribuída a ela) perante o time e à própria competição, assim como uma desvalorização de campanhas anteriores – tanto das medalhas de prata, como do recente Mundial. Outro destaque fica para a legenda da foto que coloca Marta como líder da seleção – ainda que ela não seja mais a capitã do time – e retifica a ideia do não favoritismo.

Notícia 2

a) Escolha de palavras para título e linha fina

Título: Nova direção aproxima CBF do time feminino

Linha fina: Seleção, que estreia hoje, celebra paz com entidade

Diferentemente da notícia anterior, a matéria veiculada na Folha de S. Paulo destaca a relação do grupo com a CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Quem não lê todo o texto, inicialmente, desconhece os motivos de celebração de paz com a entidade e não tem informações sobre a atuação da equipe em edições anteriores.

b) Linguagem



Expressões utilizadas para se referir à:

1. **Seleção brasileira de futebol feminino:** relação conflituosa/ relação paz e amor/ segunda mais velha/ situação difícil/ missão;
2. **Retrospecto de derrotas:** má imagem/ frustrações/ eliminação;
3. **Expectativa de estreia:** segundo lugar/ ganhou a prata/
4. **Personagens da notícia:** Marta e Cristiane (estrelas); CBF (mudança)

c) Destaque da notícia na página, fotografia e legenda

A notícia está localizada em uma das páginas centrais do caderno, o que atribui certo destaque. No entanto, não possui fotografia que a ilustre, visto que a imagem de Formiga, um dos destaques da seleção, é referente a submatéria (Recordista brasileira em Jogos, Formiga vê feito como ‘normal’), que optamos por não analisar já que consideremos apenas uma notícia para cada um dos jornais.

Apontamentos: apesar de a notícia se referir à estreia da seleção brasileira de futebol feminino nas Olimpíadas, pouco se fala sobre o que o torcedor pode esperar do time durante a competição. As informações giram em torno da relação do grupo com a CBF, ressaltando o clima de paz e colocando-o como um possível estímulo para a busca do ouro. É possível observar também que não há um aprofundamento sobre a estreia – por exemplo, pouco se sabe sobre a equipe do Camarões, com quem o Brasil jogaria. Ainda que a fala das jogadoras confirmem o novo cenário em que atuava a seleção, o foco da matéria ficou muito mais na própria CBF. A imagem, como constatado anteriormente, não faz referência direta à notícia analisada.

Notícia 3

a) Escolha de palavras para título e linha fina

Título: Adeus melancólico contra o Japão

Linha fina: Time de Marta e Cristiane não incomodou a goleira japonesa e despediu-se dos Jogos pela primeira vez antes das semifinais

No título, o termo melancólico enfatizou a derrota e a consequente eliminação da seleção brasileira. Já na linha fina, a responsabilidade coletiva é restringida aos nomes de Marta e Cristiane e o uso do verbo “incomodar” dá a impressão de diminuição do Brasil como adversário.



b) Linguagem

Expressões utilizadas para se referir à:

1. **Seleção brasileira de futebol feminino:** time de Marta e Cristiane/ melancolicamente/ derrotada/ pior campanha/ nenhum perigo/ falta de jogo coletivo/
2. **Eliminação:** despediu melancolicamente/ por pouco/ desempenho que não a credenciava/ problemas/ sistema de jogo diferente/ mais exposições aos contra-ataques/ passes forçados;
3. **Retrospecto conquistas:** dois quarto lugares/ duas pratas;
4. **Personagens da notícia:** Marta (anulada)

c) Destaque da notícia na página, fotografia e legenda

A matéria se encontra pouco visível na página, que é praticamente tomada pela notícia sobre a seleção brasileira de futebol masculino. A imagem e a legenda se completam, dada à posição da jogadora na foto.

Apontamentos: o texto trata da eliminação do Brasil diante da seleção do Japão e, tanto no título, como na linha fina, fica evidente a maneira como a derrota foi encarada de forma “trágica”. No decorrer do texto, os termos utilizados para se referir ao time e à eliminação são bastante enfáticas diante da falta de resistência do grupo, assim como da própria estratégia adotada pelo técnico da seleção e a falta de coletividade entre as atletas. O destaque fica para a pouca exposição da notícia e para a imagem de Marta com as mãos na cintura e a legenda com a palavra “anulada”, que sugere certa falta de mobilização ou atitude da jogadora.

Notícia 4

a) Escolha de palavras para título e linha fina

Título: Equipe de Marta cai e faz sua pior campanha

Linha fina: Nas quartas, seleção é derrotada pelo Japão

O título não deixa nenhuma mensagem implícita e vai direto ao ponto com a afirmativa de que o a equipe brasileira fez sua pior campanha. No entanto, mais uma vez, o time é colocado sob a responsabilidade de Marta, ainda que a capitã não fosse a jogadora. Já na linha fina, o uso da palavra “derrotada” enfatiza ainda mais o peso da eliminação para o Japão.

b) Linguagem



Expressões utilizadas para se referir à:

5. **Seleção brasileira de futebol feminino:** time de Marta/ pedido de apoio estrutural à modalidade/ sinais de fraqueza;
6. **Eliminação:** esperar os jogos de Rio-2016/ fora da Olimpíada de Londres/ pior desempenho da história/ atuação apenas regular/
7. **Retrospecto conquistas:** ido ao menos às semifinais
8. **Personagens da notícia:** Marta (estrela da equipe/ discurso mais ameno); Cristiane (apoio/esporte horrível)

c) Destaque da notícia na página, fotografia e legenda

A notícia está localizada à direita da página e é ilustrada por uma fotografia com uma jogadora cabisbaixa, enquanto a câmera foca na comemoração das japonesas ao fundo. A imagem pode se referir ao termo “derrotada”, já a legenda apenas descreve a situação da foto.

Apontamentos: a notícia não apresenta grandes surpresas no título e linha fina, mas mostra ao longo do texto que, apesar da eliminação, o jogo contra as japonesas foi equilibrado e deu chances para que o Brasil tivesse revertido a situação. No entanto, mas uma vez, deposita-se sobre Marta o peso de ter sido eleita a melhor do mundo no passado e não responder à altura do desempenho esperado pelo público. Destaque da para a crítica sobre a realidade do futebol feminino abordada na fala de Cristiane.

Observações e considerações finais

Ao final da análise foi possível identificar semelhanças e diferenças na maneira de representar o grupo, seus personagens principais e os momentos de vitória ou derrota. Nos dois primeiros textos, referentes à primeira partida da seleção nas Olimpíadas de Londres, a responsabilidade da motivação do time e da união do grupo é atribuída a Marta, além de ser transparecida a ideia de que a seleção não chega como favorita da competição. As diferenças entre a notícia veiculada no Estadão e na Folha de S. Paulo se dá principalmente em relação ao discurso pró-CBF implícito na segunda, pois nas falas das atletas e do técnico é descrito o clima de paz anunciado na linha fina.

Já as notícias que se referem à eliminação da seleção brasileira apresentam poucas diferenças entre si: a principal delas é a visibilidade na página, que é maior na Folha de São Paulo. As semelhanças ficam por conta do peso depositado sobre as



jogadoras Marta e Cristiane, que são citadas nas duas matérias. Uma curiosidade é que a notícia da Folha de São Paulo contradiz os próprios dados apresentados na matéria de estreia: a relação do grupo com a CBF que inicialmente foi elogiada e ganhou status de pacífica, agora é criticada.

Considerando as hipóteses levantadas anteriormente, assuntos que não se relacionavam à performance das jogadoras dentro de campo tiveram mais destaque nas notícias: a prata de competições anteriores, que não foi descrita como uma conquista mas sim como mais uma derrota ou um “quase ouro”; a perda do status de melhor do mundo por Marta e o peso depositado sobre ela nas partidas, ao ser representada como estrela do time e, ao mesmo tempo, apagada pela imagem da derrota da equipe. Dessa forma, o texto deixa a desejar em relação à abordagem utilizada para falar da seleção. Não houve um tratamento específico e aprofundado para assuntos como esquema tático, habilidade das jogadoras, expectativas para o jogo, preparação das atletas, ou até mesmo uma notícia mais completa sobre a derrota e o que há por trás desse descontentamento com a CBF. Assim, observa-se que a mídia optou por atribuir relevância a fatores externos a essa performance da mulher-atleta que ainda é colocada em segundo plano e fragilizada diante do esporte ao, por exemplo, serem utilizados termos como “sinais de fraqueza”, “melancolicamente”, “derrotada” ou “decepcionante” – que aparecem tanto nas notícias de estreia e eliminação, o que comprova também o cenário de desvalorização no qual é noticiado futebol feminino.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

COSTA, L.M da. **Marias-chuteiras x torcedoras “autênticas”**: identidade feminina e futebol. Rio de Janeiro: XII Encontro Regional de História ANPUH, 2006.

COSTA, L.M da. **O que é uma torcedora?** Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. Rio de Janeiro: Esporte e Sociedade, Ano 2, número 4, Nov2006/Fev2007

DA MATTA, R. et al. (1982) **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

DAMO, A.S. **A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia**. Niterói, 2007.



DAOLIO, J. **As contradições do futebol brasileiro.** Disponível em: <http://www.boletimef.org/biblioteca/1873/artigo/BoletimEF.org_As-contradicoes-do-futebol-brasileiro.pdf>. Acesso em: 7 de maio de 2013.

DIAS, ALFRANCIO FERREIRA. Dos estudos culturais ao novo conceito de identidade. Disponível em: http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IN_D_9/FORUM_V9_13.pdf. Acesso em: 7 de maio de 2013

GUMBRECHT, H.U. **Elogio da beleza atlética.** Ed. Cia. Das Letras. São Paulo, 2007.

FANZINI, F. **Futebol é "coisa para macho"?** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882005000200012&script=sci_arttext>. Acesso em: 5 de maio de 2013.

GASTALDO, E.L., LEISTNER, R.M., SILVA, RT., MCGINITY, S. **Futebol, Mídia e Sociabilidade:** uma experiência etnográfica. 2005. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1158330040.2pdf.pdf>>. Acesso em: 4 de maio de 2013.

GOELLNER, S.V. **Mulheres e futebol no Brasil:** entre sombras e visibilidades. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

MATTELART, Armand. **Introdução aos Estudos Culturais.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MOREIRA, R.M., **A mulher no futebol brasileiro:** uma ampla visão. 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd120/a-mulher-no-futebol-brasileiro.html>>. Acesso em: 3 de maio de 2013.

SIMÕES, A.C, KIJNIK, D., MACEDO, L.L. **O ser mulher no esporte de competição:** a busca dos limites no esporte de rendimento. Revista virtual EFArtigos - Natal/RN – v.3, n.5, julho/2005. Disponível em: <http://efartigos.atspace.org/otemas/artigo53.html>. Acesso em 4 de maio de 2013.

SIMÕES, A.C (org). **Mulher & esporte:** mitos e verdades. Editora Manole. São Paulo, 2003.